

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA: O MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ- SE

Autor (1) Fhelipe Emmanuel Vicente da Silva; Coautor/Orientador: Carla Taciane Figueiredo (2)

(Universidade Federal de Alagoas – Professora Assistente no cursos Licenciatura em História e Pedagogia, carlatacyane@hotmail.com, Universidade Federal de Alagoas – Graduando no curso de Licenciatura em História)

Resumo: : A utilização do Museu como espaço de ensino aprendizagem, normalmente é uma invisibilidade no ensino de História, ou mesmo desvirtuado enquanto técnica de ensino, sendo utilizado como um passeio, sem uma abordagem didático pedagógica condizente com o potencial de diálogo com diversas disciplinas possível numa visita ao museu ou mesmo à um monumento histórico. Nesse ínterim, o presente trabalho tem como objetivo discutir o estudo do meio com uma perspectiva interdisciplinar dialogando o Ensino de História e a Arqueologia, especificamente a análise teoria e prática foi essencial na visita técnica realizada no Museu Arqueológico de Xingó. A realidade empírica estudada foi o Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) correlacionando com os conhecimentos teóricos estudados nas aulas da disciplina de Metodologia do Ensino de História, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Carla Taciane Figueiredo. Os procedimentos metodológicos para efetivação do estudo foram a observação participante, tendo como instrumentos de coleta de dados, o diário de campo e a discussão dos textos abordados em sala de aula, registro fotográfico. Os resultados obtidos demonstram que a relação teoria e prática são indissociáveis, e a prática interdisciplinar constitui o norte para a produção do conhecimento e efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Os diálogos existentes entre a História e Arqueologia são imprescindíveis para o conhecimento dos povos pretéritos, e principalmente para reconhecimento da cultura, e dos aspectos antropológicos que desenvolvem o papel despertar para processos identitários inerentes a experiência vivencial decorrente da visitação do Museu Arqueológico de Xingó. O resultado da visita e o processo de ensino-aprendizagem propiciado pelo mesmo refletiu a imensidão de possibilidades inerentes ao ensino de História mediante métodos inovadores.

Palavras-chave: Estudo do meio; Observação Participante; Museu de Arqueologia de Xingó (MAX).

INTRODUÇÃO

A visita ao Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), realizada no dia 22 de abril de 2017, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Carla Taciane Figueiredo, constituiu requisitos necessários ao processo avaliativo e à obtenção de aprovação na disciplina de Metodologia do Ensino de História, ministrada no 6º período do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. A proposta ocorreu de forma dialógica entre os discentes e a docente professora responsável pela disciplina e orientadora da produção do artigo. Inicialmente foram distribuídos artigos publicados com o conhecimento científico referente ao MAX com a finalidade de correlacionar com a experiência de visitação ao museu.

O Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), é localizado no município de Canindé de São Francisco no Estado de Sergipe, mantido pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). O MAX, fundado em abril de 2000, tem como objetivo guardar, preservar e divulgar os bens culturais resultantes do salvamento arqueológico realizado por vários pesquisadores entre os anos de 1988 a 1997. O acervo arqueológico do MAX conta com “aproximadamente 55 mil peças: esqueletos humanos, utensílios e registros gráficos, referentes aos aspectos da cultura do homem que, como revelaram as pesquisas, já se encontrava na região há pelo menos 9 mil anos” (FIGUEIRÔA, 2012, p. 4).

A visita, ou melhor, o estudo do meio realizado no MAX foi interdisciplinar, pois tínhamos presentes no mesmo espaço de observação turmas dos cursos de História, Pedagogia e também os arqueólogos que nos acompanharam na exposição do acervo arqueológico do museu. Essa estrutura de visita pode ser fundamentada teoricamente nos estudos realizados por Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008, p. 256) onde afirma a respeito da interdisciplinaridade:

Para existir interdisciplinaridade, parece óbvio que deve haver, além de disciplinas que estabeleçam vínculos epistemológicos entre si, a criação de uma abordagem comum em torno de um mesmo objeto de conhecimento. [...] A interdisciplinaridade exige do docente um aprofundamento do seu campo específico de conhecimento, da sua disciplina escolar, e ao mesmo tempo desencadeia um trabalho metodológico conjunto. Conteúdos específicos são ensinados com um método comum a todas as disciplinas.

Nesse caso, o método comum é o estudo do meio, onde a mesma autora afirma:

A possibilidade de concretizar estudos interdisciplinares por intermédio de estudo do meio é indiscutível. Embora História e Geografia sejam consideradas as disciplinas privilegiadas para a realização de atividades como essa, todas as demais podem-se integrar no estudo de um quarteirão, bairro, fazenda ou indústria (BITTENCOURT, 2008, p. 274).

O objetivo da visita foi realizar um estudo do meio utilizando como metodologia de observação a participante. Segundo Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008, p. 273): “o estudo do meio é uma prática pedagógica que se caracteriza pela interdisciplinaridade”.

O estudo do meio é realizado numa realidade próxima do aluno, a realidade que de alguma forma faz parte do cotidiano dos alunos, desenvolvendo neles capacidades como a “observação e o domínio de organizar e analisar registros orais e visuais. [...] A saída de alunos do ambiente escolar, ao quebrar a rotina, exige o estabelecimento de novas regras e normas entre os participantes”

(BITTENCOURT, 2008, p. 276). Aprofundando a discussão sobre o estudo do meio, Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008, p. 280 – 281) afirma:

O estudo do meio é um método de investigação cujos procedimentos se devem ater a dois aspectos iniciais. O primeiro deles é que esse método é um ponto de partida, não um fim em si mesmo. O segundo é que sua aplicação resulta sempre de um projeto de estudo que integra o plano curricular da escola e pode ser integral ou parcial.

O estudo integral abarca a descrição e explicação de todos os aspectos da área delimitada. [...] O estudo parcial abrange somente um aspecto da área delimitada e está associado a um tema mais específico.

Para a realização de um estudo do meio, há que tomar uma série de cuidados, porque seus objetivos englobam três aspectos: o aprofundamento de conteúdos (conceitos e informações de cada uma das disciplinas envolvidas), a socialização dos alunos e a sua formação intelectual (observação, comparação, analogias). [...] A exigência maior reside no cuidado para com as três etapas fundamentais que integram o estudo do meio: preparação prévia, atividades de campo e retorno do trabalho na sala de aula.

Como podemos observar, a utilização do estudo do meio de uma forma interdisciplinar e com a observação participante, exige dos professores uma série de cuidados que necessitam de uma fundamentação teórica e uma revisão constante do andamento da pesquisa, para que os resultados esperados sejam alcançados.

A exposição é dividida em 18 espaços, além do mini auditório. Os espaços formam uma sequência dos acontecimentos pré-históricos até os dias atuais, desde a povoação da região do alto São Francisco até os dias atuais do sertanejo. A exposição mescla de pinturas, gravuras, artesanatos com cerâmica e pedras, mapas explicando a trajetória de povoamento da região.

O MAX é subdividido em dezoito espaços. No primeiro espaço é apresentado um exemplar de um sítio de escavação de 6 metros e 40 centímetros, é a simulação do sítio Justino com réplicas de materiais de escavação. No segundo espaço encontra-se o mapa das Américas, o mesmo tem como efeito para melhor entendimento dos ouvintes mini lâmpadas mostrando a trajetória da antiga população, o mapa trabalha o eixo ibérico, o quanto caminharam até chegar na região e os pontos arqueológicos, ao total são sete pontos espalhados pelas Américas.

No terceiro espaço encontra-se um mapa dos sítios arqueológicos de Alagoas, Sergipe e Bahia. O mapa é dividido em três momentos, são eles: os sítios sondados e escavados, os sítios em escavação (não tem mais) e os sítios de registros gráficos.



No quarto espaço que tem como título Grafiteiros de ontem: Representando o mundo simbólico, há uma mescla de pintura com obra plástica, onde representa como o homem da época pintava as paredes (deixava a História registrada). No quinto espaço encontra-se desenhos feitos em rochas, fica a critério do visitante identificar o que seria cada imagem. No sexto espaço encontra-se uma obra plástica representando um homem sentado em uma pedra, fazendo fogo com pedras e com isso produzindo também material lítico (rochas) para facilitar o trabalho dos homens da época, estes artefatos lascados serviam para cortes, pinturas e outras coisas. O sétimo espaço é denominado “Trabalhando a pedra: Ferramentas líticas”. Mostra uma exposição de artefatos feitos em pedras, há técnicas para saber se a pedra é ou não formas de lascamentos. O oitavo espaço é denominado Criando formas e usos lascados e polidos é uma continuação do espaço anterior. O nono espaço é um quadro feito em pedra que toma a parede toda, nele pode-se tocar, sentir a textura. O decimo e o decimo segundo espaço é onde começa os materiais feitos com o barro, são as construções em cerâmicas, como os mesmos eram confeccionados de forma totalmente manual. No decimo segundo espaço encontra-se a representação da vivencia seca, bem a margem do rio foi onde os andantes escolheram para permanecer, há um quadro em contraste com a obra plástica. Os índios de hoje são descendentes dos povos pré-históricos.

Do decimo terceiro ao decimo sexto espaço, são replicas de esqueletos que mostram desde foceis, colares de ossos, braceletes, as patologias (doenças, que era na época a maioria possuía artrose, pois andavam muito), os sepultamentos que eram feitos próximo a fogueiras e em covas rasas, outros esqueletos de animais cobriam as partes intimas de alguns caçadores.

O decimo sétimo espaço que tem como título “Alguns retratos da paisagem sertaneja””, é a representação da casa, dos enfeites nordestinos, é algo mais visual, tem cordéis, exposição de quadros (com jarros de barro), possui também alguns janelões onde a paisagem de fora conversa com a de dentro. No decimo oitavo espaço encontra-se um quadro em tinta que conta a História desse povo em pequenas cenas, essa obra é de um artista sergipano que conseguiu reunir em uma única obra uma História.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada na visita ao Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) foi a observação participante, que é uma parte essencial no trabalho de campo numa pesquisa qualitativa, permitindo ao pesquisador a compreensão da realidade observada. Neste sentido, a *observação participante* é:

Um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (MINAYO, 2016, p. 64).

Na observação participante, o pesquisador deve ser simples, se colocar no lugar do objeto de pesquisa, ou seja, do outro, se relacionar com os agentes da coletividade pesquisada, não esquecer da finalidade de realizar uma investigação científica e acima de tudo viver aquela realidade social, aquele admirável mundo novo. O principal instrumento de trabalho numa observação participante é o diário de campo.

“A observação é o instrumento básico de coleta de dados em todas as ciências, sendo importante para a construção de qualquer conhecimento. Segundo Lakatos e Marconi (2002, p.87), na observação direta intensiva temos a observação e a entrevista. As modalidades de observação que são empregadas na investigação científica são a observação assistemática, a observação sistemática, a participante, a não-participante, a individual, em equipe, na vida real e em laboratório, que variam de acordo com as circunstâncias”. Para o relatório utilizou-se da participante, sistemática e em grupo.

Nesse sentido, ao visitarmos o museu registramos as impressões, pois realizamos uma observação sistemática, enfatizando os artefatos arqueológicos e a possibilidade de utilizarmos uma discussão que e no ensino de História, dialogando categorias como pertencimento, identidade, reconhecimento. O pressuposto básico para a realização das possíveis aulas tem como norte conceitos trabalhados em sala como transposição didática:

[...] um processo de transformação científica, didática até sua tradução no campo escolar. Ela permite pensar a transformação de um saber científico e social que afeta os objetos de conhecimento em um saber a ensinar, tal qual aparece nos programas manuais, na palavra do professor, considerados não somente científicos. [...] isso significa, então, um verdadeiro processo de criação e não somente de simplificação, redução. (INRP, 1989, p.14).

A ênfase na transposição didática decorreu da necessidade de transformar o conhecimento científico estudado antes da visita ao museu, o conhecimento produzido explícito nesse artigo em

um conhecimento escolar efetivado através do planejamento de aulas a serem executadas no Estágio Supervisionado II.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS:

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados na observação participante o diário de campo e registros fotográficos. O *diário de campo*, para Minayo (2016, p. 65), “nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades”.

Além do diário de campo, foram realizados registros fotográficos do acervo arqueológico do MAX, a imagem pode possibilitar ao pesquisador lembranças e descobertas que no momento passaram despercebidas, abaixo podemos observar alguns desses registros fotográficos.



Imagem 01: Frente do Museu Max



Imagem 02: Visão interna de uma ala do Museu



Imagem 03: Crânio e colar



Imagem 04: Sepultamentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os artigos problematizados aqui serão: *O uso das imagens no ensino de História* de Adriana Cristina de Godoy e *Atributos formais e tecnológicos da indústria lítica do sítio Topo, Canindé de São Francisco – SE: estudo da organização tecnológica para compreensão do sistema de assentamento regional em Xingó* de Marcelo Fagundes.

Em *O uso das imagens no ensino de História*, Adriana Cristina Godoy, discute que uso de imagens nas aulas pelos os professores fazem com que os alunos se interessem e prestem mais atenção nas aulas. Todavia, precisamos ter em mente que essas imagens não devem ser passadas como mera ilustração de conteúdos, mas como uma fonte histórica que façam com que os alunos reflitam criticamente sobre os hábitos e costumes do conteúdo estudado (GODOY, 2009, p. 1).

A leitura que pode ser feita das imagens e as formas dessas leituras são importantes ao utilizar imagens em sala de aula, pois, as imagens “são mais que representações de heróis e governos, representam importantes vestígios na construção da cultura cotidiana das pessoas

comuns” (BURKE, 2004, p. 99 apud GODOY, 2009, p. 2). É importante que o professor procure realizar junto aos seus alunos a problematização dessas imagens, filmes etc.

As imagens ou ilustrações nos livros didáticos no Brasil, fortemente influenciados pela corrente da Escola dos Annales e as correntes pós-Annales, são as vezes as únicas fontes que o professor tem para exploração das imagens em sala de aula, mas é preciso não utilizar essas imagens apenas como complemento dos textos. O professor pode ir para além das atividades presentes nos livros didáticos envolvendo as imagens, “o professor pode criar novas alternativas de uso deste material (GODOY, 2009, p. 5).

Ao utilizar as imagens em sala de aula, o professor precisa situar para os seus alunos o tempo histórico e o contexto em que essa fotografia foi tirada, em quais condições e por quem essa fotografia foi tirada, qual a sua ideologia e o seu objetivo.

Em *Atributos formais e tecnológicos da indústria lítica do sítio Topo, Canindé de São Francisco – SE: estudo da organização tecnológica para compreensão do sistema de assentamento regional em Xingó* de Marcelo Fagundes, são apresentados os principais atributos formais e tecnológicos que integram a área arqueológica 03 de Xingó, situado no município de Canindé de São Francisco (Sergipe) nas terras da fazenda Gentileza (FAGUNDES, 2007, p. 90). Segundo Fagundes (2007, p. 90) foram evidenciados neste sítio: “peças líticas bem diversificadas (cento e cinquenta e seis peças), fragmentos cerâmicos (duzentos e cinquenta e quatro peças), onze gramas de restos alimentares (ossos principalmente) e cinco fragmentos de ossos humanos”.

A metodologia empregada teve como preocupação inicial estabelecer as relações entre os conjuntos líticos numa perspectiva intra-sítio e também compreender a manufatura e o uso de instrumentos líticos. Segundo Fagundes (2007, p. 92), buscou-se:

[...] compreender as relações entre os vários conjuntos líticos postos em estudo, de modo que nos permitisse entender como a indústria (ou indústrias) cooperaria, inclusive, para estabelecermos hipóteses sobre sistema produtivo, função de sítio, sistema de assentamento, mobilidade e, com um pouco mais de ousadia, falarmos em territorialidade e manutenção de território.

Outrossim, sob nosso olhar, a organização do processo de manufatura lítica está associada às inter-relações entre pessoas (aspectos cognitivos), tipo de sítios (mobilidade e sistema de assentamento), uso social dos instrumentos/artefatos, demanda por implementos líticos, disponibilidade de matéria-prima (possibilidades e restrições de obtenção e, sobretudo, transporte), portabilidade, flexibilidade e diversidade dos conjuntos artefatuais.

A escolha/estratégia de cada grupo é cultural e essa escolha está ligada ao sistema de ensino-aprendizado. E neste sentido, observa-se que os procedimentos tecnológicos se tornam fundamentais para compreender as relações ou escolhas efetuadas pelas populações que ocuparam o baixo São Francisco, para que se possa entender o modo de vida existente, sua organização social, a divisão do trabalho e a sua evolução com passar do tempo. A respeito do estudo da cultura material lítica, Fagundes (2007 p. 95), afirma que:

O estudo da cultura material lítica visa, assim, inferir sobre possíveis meios pelos quais grupos pré-históricos se fixaram em uma paisagem, estabeleceram suas escolhas e deixaram traços delas, hoje representados pelo registro arqueológico, de maneira que possamos criar hipóteses sobre como a organização tecnológica foi levada a cabo sob todas as ramificações possíveis. Ou melhor, interpretar o registro arqueológico em termos dinâmicos de modo a permitir a realização de inferências sobre o comportamento cultural e modo de vida de populações pregressas e ágrafas.

Para a compreensão do sistema de assentamento, nesse caso em Xingó, tornar-se impossível sem o auxílio tecnológico pelo pesquisador para entender as influências ou uso de artefatos, pois com o passar do tempo os instrumentos ou artefatos se degradam com a intervenção humana ou do ambiente.

A principal hipótese sustentada por Marcelo Fagundes (2007, p. 117) a respeito do sítio, é:

Nossa principal hipótese é que este sítio, em função de sua localização espacial e das características da organização tecnológica da indústria lítica, ter sido utilizado como local de atividade específica, sobretudo relaciona à pesca, entretanto tal realidade só poderá ser comprovada com o término das análises dos demais dezoito sítios componentes da área arqueológica 03.

Por fim, podemos observar que o estudo teórico dos textos e o estudo do meio realizado no Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), nos dar elementos para compreender esse acervo arqueológico cultural presente na nossa região, numa realidade próxima dos alunos e nos incentiva a utilizar essas práticas de ensino-aprendizagem enquanto futuros docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elaboração do artigo nos respaldamos nas imagens observadas no museu para promover um resgate histórico e uma revalorização da História e cultura dos nossos antepassados. Para fazer uso das imagens seja na disciplina de História ou de outras disciplinas os professores precisam ter conhecimento teórico-metodológico do conteúdo a ser associado a imagem ou visita ao museu, ou seja, situar o contexto da imagem analisando se a mesma condiz com a História.

Para além de uma visita técnica ou um passeio, faz necessário se utilizar de conhecimentos prévios e uma intersecção entre a teoria e prática, para assim possibilitar o Museu como espaço de ensino-aprendizagem, fecundo e possível de realização de um diálogo interdisciplinar com diversas áreas do conhecimento.

O aprofundamento de conhecimentos interdisciplinares possibilita a compreensão como se consolidou o processo de construção do museu, os pontos de referência, a importância da localidade dos objetos, e do próprio museu, em relação à significância e os significados da preservação patrimonial. Podemos questionar em quais âmbitos culturais nacional de preservação patrimonial encontra-se o museu? Os fatores que determinam a ser conservados pela população e pelo governo? Neste caso como será que acontece a manutenção da instituição, qual tipo de parceria? E por fim realizar a reflexividade da ação enquanto futuros professores de História circunscritos na região do alto sertão de Alagoas.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Procedimentos metodológicos em práticas interdisciplinares. **In:** BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

FAGUNDES, Marcelo. Atributos formais e tecnológicos da indústria lítica do sítio Topo, Canindé de São Francisco – SE: estudo da organização tecnológica para compreensão do sistema de assentamento regional em Xingó. **Canindé**, Xingó, SE, nº 9, p. 89 – 121, 2007.

FIGUEIRÔA, Raquel de Andrade Dantas. Arqueologia em 3D: perspectivas de digitalização no Museu de Arqueologia de Xingó. **In:** Encontro Regional de História - ANPUH-Rio, 15., 2012, São Gonçalo, Anais... São Gonçalo, RJ: FFP/UERJ, 2012. Disponível em: <<http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 16 maio 2017.

GODOY, Adriana Cristina de. O uso das imagens no ensino da História. **In:** Encontro Perspectivas do Ensino de História, 7., 2009, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: UNICAMP, 2009. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/issue/view/217>> Acesso em: 16 maio 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).